

Spinoza e Vigotski: um diálogo com a educação contemporânea

Erondina Santos de Araujo¹
Zoia Prestes²

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento. Trata-se de uma investigação que aspira o diálogo entre o pensamento de Spinoza, em especial o livro III da *Ética* (a origem e a natureza dos afetos) e a teoria histórico-cultural do pensador bielorusso Lev Semionovitch Vigotski. A filosofia de Spinoza reflete sobre a passagem da passividade para a atividade por meio do conhecimento, assim como a transformação e a educação dos afetos humanos. Inspirado em Spinoza, Vigotski afirma a unidade *indivíduo e meio social* e defende que a atividade impulsiona o desenvolvimento humano. Cada autor desenvolveu suas reflexões em um *locus*, ou seja, numa sociedade específica, porém, é possível sustentar que suas ideias possibilitam o questionamento e o diálogo com parâmetros estabelecidos pela sociedade contemporânea, em especial, no campo educacional. Na obra dos dois autores, não há um apelo ao mundo transcendental, ao absoluto, estuda-se a partir da realidade material, que apresenta a necessidade de investigar como ela se transforma, se desenvolve, isto é, entender seus determinantes, os aspectos que possibilitam a emergência da mudança. Tendo por base o pensamento dos dois autores, apresenta-se a hipótese de que condições favoráveis estimulam afetos ativos nos indivíduos e o acesso aos instrumentos culturais possibilita a participação ativa dos mesmos, isto é, possibilita que assumam o protagonismo no mundo. Defende-se que o trabalho na escola não pode se restringir apenas à aplicabilidade de conhecimentos, mas principalmente, ao domínio deles para um estar no mundo de forma soberana, emancipada e livre, ou seja, de forma ativa.

Palavras-chave: Spinoza, Vigotski, educação, afetos ativos, instrumentos culturais.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: dina1308araujo@gmail.com

² Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: zoiaprestes@id.uff.br

1. *Spinoza e Vigotski: um breve resumo do contexto histórico e cultural*

Apesar da distância geográfica, épocas históricas diferentes e outro contexto social, político, econômico e cultural, podemos encontrar algumas semelhanças nas biografias de Spinoza e Vigotski. Ambos viveram em épocas de grandes e significativas transformações, são judeus – condição que os coloca numa situação particular mediante à intolerância do mundo em que viviam – e, finalmente, apesar da brevidade de suas vidas, produziram teorias importantes.

Para apreciarmos a filosofia de Spinoza³, é preciso situarmos seu contexto histórico e cultural. Nascido em Amsterdã, no dia 24 de novembro de 1632, seu nome de batismo era Bento, devido à origem portuguesa, mas, traduzido para o latim, é *Benedictus*. No entanto, no hebraico é Baruch.

Embora tenha nascido e vivido em Amsterdã, seus ancestrais são oriundos da Península Ibérica. Seu sobrenome revela a sua descendência espanhola, pois seus ancestrais são oriundos da cidade de Spinoza de Monteros, na região cantábrica da Espanha. Desde o século X, os judeus espanhóis eram súditos dos monarcas católicos e forçados à conversão, pois o intuito era a uniformidade religiosa. Os que se negaram à conversão foram julgados pela Inquisição Espanhola e, conseqüentemente, expulsos do país em 1492 pelos Reis Católicos. Em busca da liberdade e da tolerância religiosa, eles seguiram para outros países europeus. Muitos foram para Portugal, incluindo a família de Spinoza. A princípio pode parecer que Portugal foi benevolente, tolerante com a comunidade judaica, mas, a permanência dos judeus em Portugal só foi possível mediante o pagamento em ouro ao rei D. João II. Quem não possuía tantos recursos poderia negociar a estadia provisória. Caso não fosse possível renegociar, devido à falência de recursos, corria-se o risco de se tornarem propriedades do reino. Esta aliança entre a comunidade judaica e Portugal foi marcada por interesses econômicos.

Os judeus, em especial, os marranos, avistaram a possibilidade de mudanças prósperas nas Províncias Unidas ou Países Baixos, pois havia uma expansão econômica e comercial, além de um forte poder militar. Atuavam, especialmente, como negociantes, estabelecendo um intercâmbio com os seus países de origem.

³ As variações da escrita do nome Spinoza remetem aos registros deixados pelo próprio filósofo a partir de cartas, assinaturas que abrangem o período de 1662 a 1675. As principais são: (1) Junho de 1662 - *Benedictus Spiñoza*, (2) e (3) 3 de agosto de 1663 - *B. d'Spinoza* e *B. de Spinoza*, (4) 13 de março de 1665 - e *B. de Spinoza*, (5) 3 de junho de 1665 - *B. de Spinoza*, (6) 20 de novembro de 1665 - *B. de Spinoza*, (7) 21 de outubro de 1671 - *B. despinoza*, (8) 9 de novembro de 1671 - *B. despinoza*, (9) 14 de dezembro de 1673 - *Benedictus despinoza*, (10) julho de 1675 - *B. de Spinoza*, (11) 18 de novembro de 1675 - *B. despinoza*. A estas acrescenta-se a forma *B. de. Spinoza*, registrada na carta de Spinoza a Luís Meyer, datada de 26 de julho de 1663, cuja publicação, em 1977, deve-se a A. K. Offenberg. Novas assinaturas do filósofo foram encontradas em documentos notariais, assim, em 21 de maio de 1665 e 17 de novembro de 1671, assina *Bento despinoza*, e em 1º de fevereiro de 1673 utiliza a forma *B. despinoza*. Os termos *spinosismo*, *spinosista*, *spinosano* foram baseados nas regras ortográficas vigentes em Portugal. Disponível em: <https://benedictusdespinoza.pro.br/o-nome-spinoza.html> - 02 de maio de 2022. Horário: 23h
Para este trabalho, a opção será escolhida será *Spinoza*. Afirimo que em alguns momentos a escrita do nome sofrerá alterações com intuito de ser fiel às citações, respeitando assim, a escolha da editora.

Na condição de judeu e moderno, Spinoza nasce como um cidadão do mundo, ou seja, carregava a herança do “estrangeirismo”, cresceu numa ambiência plural e diversificada, vivencia e enxerga com um olhar subversivo e cirúrgico os conflitos e as angústias impostas por seu tempo. Viveu apenas 44 anos, porém sua passagem teve um impacto sem precedentes no pensamento filosófico moderno e contemporâneo. Suas indagações, questionamentos e argumentações, incompreendidas por inúmeros coetâneos, serviram de inspiração para outras áreas e ciências como teologia, psicanálise, psicologia, sociologia e educação.

Spinoza foi o pensador da positividade. Sua ética visa à liberdade e não à servidão. Para tanto, é preciso estabelecer uma espécie de cartografia para buscar a liberdade da ação. Ser livre, para o pensador, é ser determinado a produzir efeitos que nascem na interioridade, ou seja, tem um caráter intrínseco que não se opõe ao que é externo; quando há o embate, estabelece-se a coação. Isso não significa afirmar que Deus é causa imanente que se expressa de maneiras diferenciadas neste duplo aspecto: corpo e alma, ou seja, modos diferentes de uma única realidade (substância).

Assim, é possível afirmar que, quando o corpo age, paralelamente, a alma também atua, e também é verdadeiro atestar que, quando a alma padece, o corpo também é acometido. Liberdade, para Spinoza, está relacionada ao conhecimento das causas, quanto mais se compreende um fenômeno, quanto mais se entende o nosso papel diante dos acontecimentos, isto é, quanto mais se regressa no sentido de conhecer o que ocasionou o surgimento de um fato, mais autonomia se terá diante dos eventos. Mas, este transcurso ocorre acompanhado de uma carga afetiva. Por esta razão, a presente pesquisa surge da necessidade de compreender como os afetos básicos (amor, desejo e ódio) impulsionam a nossa racionalidade. Além disso, busca entender o contexto escolar e verificar o que estimula o surgimento dos afetos ativos, ou seja, os que potencializam a nossa racionalidade para a compreensão dos acontecimentos, e, se as circunstâncias forem favoráveis, nos leva a alcançar a autonomia. E, ao mesmo tempo, o que favorece o surgimento dos afetos passivos, aqueles que diminuem a nossa potência, e, conseqüentemente, nos colocam em uma situação de servidão, alienação, enfim, a heteronomia.

A obra de Vigotski também precisa ser analisada, tendo como pano de fundo aspectos da história russa do final do século XIX e início do século XX. Trata-se de uma época quando o mundo passava por fortes turbulências.

Vigotski nasceu na cidade Orcha, na Bielorrússia, em 1896. Quando tinha apenas 6 meses de vida, sua família mudou-se para Gomel, que, afetivamente, tornou-se a sua cidade natal, pois foi nela que passou a infância, adolescência e os anos iniciais de sua trajetória profissional (até 1924, com intervalo de 1913 a 1917, quando era estudante da 2ª Universidade de Moscou). A condição de judeu impunha restrição ao espaço geográfico em que os judeus poderiam residir e trabalhar, assim como, às profissões que poderiam exercer.

Ao estudarmos a história de um povo ou de um país, normalmente, fixamos as datas das grandes revoluções e os nomes dos protagonistas. Mas, devemos observar que, para um grande evento acontecer, outros pequenos acontecimentos preexistiram, formando, deste modo, um alicerce sólido que possibilitou o surgimento do eminente

episódio histórico. Antes da famosa revolução socialista de 1917, que mexeu com os alicerces da Rússia, aconteceu a primeira tentativa em 1905. Esta, segundo Prestes (2021), apesar do fracasso, foi considerada por seus líderes não como uma simples derrota, mas uma lição necessária para observar e corrigir os erros e as táticas o, que, provavelmente, aliado às circunstâncias históricas e sociais do país, levou a cabo a Revolução de Outubro de 1917 e a instalação do poder dos soviets na Rússia. A situação de miserabilidade, analfabetismo e opressão contribuiu para que este processo, liderado por uma intelectualidade revolucionária que se inspirava nas ideias progressistas do século XIX e em ideias de Karl Marx, fosse vitorioso. Trata-se de uma conjuntura de transformação radical, fato que desempenhará um papel importante na vida pessoal e profissional de Vigotski.

Em tempos conflitantes que abarcam a fome, o abandono, o desemprego, a exploração e a violência física e simbólica não resta dúvidas que as crianças são as maiores vítimas devido a sua fragilidade. Por este motivo, na recém-formada União Soviética, o quantitativo de crianças abandonadas era considerável, entre elas estavam também as crianças cegas, surdas ou com outro tipo de deficiência. Estima-se que em 1914 havia 2,5 milhões de crianças e adolescentes abandonados, porém, este número aumenta após a revolução e a Guerra Civil e, em 1921, atinge 7,5 milhões de crianças e adolescentes (ORLOVSKY, 2017). O novo governo empreende um esforço para o enfrentamento dessa situação e apresenta como tarefa a necessidade urgente de acolher esse público infantil, criando uma rede de instituições e convocando intelectuais de diversos campos para colaborar no trabalho educativo. Em 1924, após apresentar um relatório de estudos realizados com crianças em Gomel, Vigotski foi convidado para trabalhar no recém-inaugurado Instituto de Psicologia de Moscou e irá se dedicar, ao longo de uma década, principalmente, aos problemas da defectologia⁴, além de temas mais gerais relacionados à psicologia.

A tese de Vigotski afirma que todo ser humano tem a possibilidade de se desenvolver e que não existe um padrão para isso, o que há, na verdade, é uma variabilidade de desenvolvimento. Ou seja, uma deficiência não impede o desenvolvimento de uma pessoa, pois ela irá se desenvolver de acordo com a mesma lei geral elaborada por Vigotski, mas por vias diferentes em relação às da pessoa com o desenvolvimento mais comum. O importante é que a compensação de sua deficiência ocorre na relação social, ou seja, o foco deve ser suas potencialidades e não o que falta a ela. Aliás, Vigotski defende que o defeito impulsiona o desenvolvimento da pessoa.

Na Rússia, no campo científico, havia um embate entre diferentes correntes (metafísicas, biológicas, evolucionistas, naturalistas, deterministas etc.) e tanto na psicologia, quanto na pedagogia o debate partia da questão: o que é biológico e o que é social no desenvolvimento humano? Com uma profunda crítica à abordagem biológico-

⁴ No prefácio do livro *Problemas da Defectologia* de Vigotski, as professoras Elizabeth Tunes e Zoia Prestes, as palavras e expressões *defectologia*, criança *defectiva*, *defeitos*, entre outras, frequentemente soam estranha ao falante da língua portuguesa. Usamos os termos deficiência, portador de deficiência, deficiência física, mental, intelectual, psíquico ou psicossocial. Mas, na União Soviética e até os dias atuais, na Rússia, essas são as maneiras usuais de se referir às crianças com deficiência e à área de estudo de sua educação e de seu desenvolvimento cultural (VIGOTSKI, 2021).

evolucionista, Vigotski defende o materialismo histórico-dialético como fundamentação metodológica para a psicologia e lança as bases da teoria que ficará conhecida histórico-cultural. Em seus estudos, Vigotski vai afirmar o papel do meio e da relação entre pessoa e meio para o desenvolvimento humano e formação da personalidade.

Afirma Vigotski:

O meio não deve ser estudado como um ambiente de desenvolvimento que, por força de conter determinadas qualidades ou características, já define pura e objetivamente o desenvolvimento da criança. É sempre necessário abordá-lo do ponto de vista da relação existente entre ele e a criança numa determinada etapa de desenvolvimento. Isso pode ser afirmado como uma regra geral que se repete com frequência na pedagogia: é necessário passar dos indicadores absolutos do meio para os relativos, ou seja, para esses mesmos indicadores na sua relação com a criança (VIGOTSKI, 2018, p. 74).

Neste sentido, é preciso estudar o desenvolvimento da criança, levando em consideração os aspectos sociais, as condições materiais de acesso aos instrumentos da cultura. Mais do que impor disciplinas, excesso de rigor ou perceber o ser humano como um ente “vazio”, torna-se imperioso estabelecer uma relação de diálogo, com vistas a possibilitar e impulsionar o desenvolvimento das funções psíquicas superiores, denominadas também por Vigotski de culturais.

Na cultura ocidental, é recorrente periodizar a infância por sua idade, pois pertencemos a um mundo escolarizado que trabalha com estatísticas, produções, resultados, comparações e com visões dualistas dos fenômenos. Trata-se de uma compreensão mecânica e orgânica dos fenômenos. A teoria de Vigotski não desconsidera estes fatores, mas diz que o importante é compreender o desenvolvimento como um processo dinâmico, de transformação e rupturas. Para Vigotski (2018), o desenvolvimento da criança não é determinado pela idade cronológica, mas é um processo que transcorre de forma cíclica e que apresenta avanços e retrocessos, portanto, é um erro pensá-lo como uma linha reta, gradual e progressiva.

Somos seres inseridos numa tradição ocidental, construída ao longo dos séculos. Trata-se da experiência acumulada coletivamente, da história que precisamos organizar e disponibilizar aos mais jovens, mas este trabalho não é neutro, há sempre uma intencionalidade, pois não é possível separar a pessoa e o meio social, como dois fenômenos separados e absolutos, pessoa e meio, para Vigotski, formam uma unidade.

Afirma Vigotski:

O meio social não deve ser estudado de acordo com os seus índices absolutos, senão em relação com a criança. Um mesmo meio, tomado em seus índices absolutos, tem significados totalmente distintos para a criança de um, três, sete, doze anos. A mudança dinâmica do meio social e a relação passam a ocupar o primeiro plano. Não obstante, ao falar de relação devemos ter em conta um segundo momento: a relação entre a criança e o meio não é jamais uma relação puramente externa, tomada de modo isolado. Uma das questões metodológicas mais importantes é o modo de enfocar o estudo da unidade na teoria e na investigação (VIGOTSKI, 2006, p. 5).

Vigotski afirma que a unidade existente na relação pessoa e o meio social, ou seja, o mundo objetivo, interpretado pelo sujeito por meio de suas vivências, promove o

desenvolvimento. Além disso, o meio social não é neutro, pois cada pessoa o vivencia de forma peculiar de acordo com as especificidades individuais.

Outro aspecto significativo da teoria de Vigotski é a importância que ele atribui à atividade no processo de desenvolvimento da criança, ressaltando que há as atividades que desempenham um papel guia no desenvolvimento e denomina de *atividade-guia* aquela que impulsiona o desenvolvimento humano numa determinada etapa e possibilita a emergência de neofunções, ou seja, de funções psíquicas superiores.

Para Vigotski, o indivíduo forma-se, como já mencionado, na unidade da relação pessoa e meio social e o desenvolvimento humano é uma possibilidade. Em suas cadernetas de anotações, Vigotski (2014) registrou que o maior problema da ciência psicológica é o da liberdade do homem e que uma ação livre corresponde à ação consciente submetida ao sujeito que domina, ou seja, é o autocontrole. Neste sentido, “tomar consciência significa dominar” (VIGOTSKI apud KRAVTSOV, 2014, p. 34). Somos livres quando tomamos consciência dos nossos atos e nos responsabilizamos por eles.

Ao adulto, seja na figura de mães, pais, professores, cabe apresentar o mundo àqueles que estão chegando, apresentar nossas tradições, regras sociais, cultura, história. A realidade é dinâmica e está em permanente processo de transformação e é necessário compreender esse movimento e perceber que não existe uma única concepção de infância, adolescência, de homem, mas várias e possibilitar o acesso ao conhecimento, aos instrumentos culturais o que exige atenção constante à personalidade de cada um. Por este motivo, nem a tecnologia, nem o docente e nem a escola poderão possibilitar tudo.

2. A formação do novo homem à luz do pensamento de Spinoza e Vigotski.

É sempre interessante investigar a etimologia das palavras e verificar que, ao longo dos séculos, nem sempre o significado delas permanece o mesmo e podem ganhara significados diferentes em diversas civilizações. Porém, é preciso levar em consideração o contexto histórico do seu surgimento, assim como, as mudanças e associações que os substantivos sofrem com as transformações históricas, culturais e sociais. Deste modo, ao pensar a educação do homem, à luz do pensamento de Spinoza e Vigotski, ou seja, a formação que visa à autonomia e ao desenvolvimento, nos faz também refletir sobre a etimologia dos substantivos *pedagogia* e *andragogia*.

Como muitas palavras da língua portuguesa, estas também são derivadas dos vocábulos gregos *gogia* - *agogus/agogos* - (ἀγωγός) - que pode ser traduzido como “conduzir” ou “condução”, somado aos radicais *paidos* - (παῖδος) - que significa “criança” e *andros* - (ἀνδρ) - que pode ser traduzido como “adulto”. Assim, o *pedagogo* e o *andragogo* são aqueles que conduzem, que orientam a criança e o adulto. Do mesmo modo, *demagogia* é a arte de conduzir, orientar o *demos* (δῆμος), isto é, o povo. Nota-se que, segundo a etimologia, o reconhecimento e a visibilidade da criança, do adulto e do povo vêm do outro, são percebidos como objetos, seres que precisam ser moldados segundo critérios já pré-determinados, portanto, são passivos, porque sua formação e seu desenvolvimento ocorrerão a partir do olhar da experiência e do conhecimento do outro. Isto é, vem de fora, do meio, sem levar em consideração a singularidade e especificidades da pessoa. Trazer o pensamento de Vigotski e Spinoza, visando a uma educação como

prática da liberdade, nos leva a questionar o sentido da palavra e a função do pedagogo e do andragogo como aqueles que conduzem a formação e o desenvolvimento humano.

A filosofia é a crítica da noção de senso comum. Gramsci (2004), nos *Cardenos do cárcere (2004)*, afirma que todos os homens são filósofos, porque todo ser humano mais que pensar a vida cotidiana, organiza uma filosofia própria, ou seja, uma visão de mundo, que é a passagem do olhar empírico para a noção de mundo unificado; é a amplitude do olhar das tarefas rotineiras para uma visão cosmopolita.

Spinoza e Vigotski, cada um à sua maneira, foram contestadores do *status quo*. Suas obras traduzem a ideia de um pensamento libertário. Inseridos em um contexto histórico, social e cultural específicos, foram capazes de elaborar um pensamento que entende a liberdade como uma potência do intelecto. Para ambos, a nossa capacidade de conhecer, de se apropriar das circunstâncias favoráveis, isto é, das possibilidades que nos potencializam, conduz à liberdade e esta não deve ser considerada como livre-arbítrio, porque, neste caso, quem determina as nossas escolhas são os fenômenos exteriores.

Ser livre está diretamente associado à autodeterminação e ao conhecimentos das causas. Para Spinoza conhecer significa ir às causas, caso contrário, ao estudarmos um acontecimento, podemos confundir a(s) causa(s) com o(s) efeito(s) e, então, a nossa relação com a realidade, com os fatos irá gerar um conhecimento equivocado, pautado apenas nas aparências. Vigotski, de certa forma, ao analisar a crise da psicologia à sua época, observou com coerência, ao estudar o desenvolvimento humano, que os autores não se ocupavam das causas dos fenômenos e, tendo como referência as palavras de Marx – se o fenômeno e a essência das coisas coincidissem, não seria necessária nenhuma ciência – convoca a ciência psicológica aos estudos da origem dos fenômenos. Então, além de os textos de Vigotski demonstrarem um movimento dialético, o autor também reconhece que é preciso que a psicologia não abra mão de seu objeto de estudo, que é a consciência humana, e, com base nos estudos de seus antepassados, apresenta ideias revolucionárias não só para a psicologia, mas para o campo científico como um todo. Pode-se afirmar que tanto em Spinoza, como em Vigotski, há um encadeamento rigoroso das ideias para chegar ao cerne da questão.

Para Spinoza, a nossa vontade não é livre, pois depende da força do intelecto, dos afetos ativos e das circunstâncias exteriores. Assim, o foco da pesquisa muda de rota, ou seja, estuda-se a liberdade pelo determinismo da vontade e a sua relação direta com as causas exteriores e não pela mera possibilidade de fazer escolhas, pois este fato nos torna dependente dos acontecimentos. Vigotski, por sua vez, traça caminho semelhante ao afirmar que o meio social é a fonte de desenvolvimento e o conjunto de relações significativas para a crianças, numa determinada etapa do seu desenvolvimento, é uma das características psicológicas importantes da idade. Ou seja, as experiências e vivências podem possibilitar a tomada de consciência, ou seja, o domínio do seu comportamento. Ser livre é ter domínio da própria conduta e a cultura é o elo neste processo.

Outro aspecto que une Spinoza e Vigotski são as origens judaicas. A história do povo judeu é marcada pela busca da liberdade. A tradição judaica é uma tradição de esforço e luta pela liberdade, em especial, pelo reconhecimento da cultura do seu povo. Spinoza e Vigotski não eram necessariamente religiosos, mas, culturalmente, eram judeus, isto é, eram amantes da liberdade. Cada um, a seu modo, enfrentou os desafios da

sociedade em que estavam inseridos a condição de judeu, sem dúvida, foi um dos motivos pelos quais sofreram perseguições e tentativas de destruição das suas obras, quicá o apagamento de suas ideias.

3. *Considerações finais.*

Uma educação que leva em consideração as especificidades do aluno, seja de uma criança, um adolescente ou um adulto, saberá que não é a determinação dos espaços, do tempo que irão promover uma formação potente. A educação trabalha-se com gente, com pessoas que são também expressões de afetos como medos, angústias, tristezas, alegrias diante do novo, da descoberta, dos desafios. O que Vigotski e Spinoza propõem é uma formação para a atividade, partindo da singularidade, logo, as normas, as regras, o tempo quem estabelece é o indivíduo, ele é o protagonista e não as instituições.

Tanto para Spinoza como para Vigotski, o desenvolvimento humano acontece na relação social. Mas, para Spinoza são os encontros potentes, isto é, aqueles que proporcionam os afetos alegres que proporcionam a transição entre os gêneros de conhecimento. Quanto mais potente for a relação entre o indivíduo e os entes da natureza, maior a possibilidade de criação, de transformação de si e dos outros, ou seja, neste processo alcançamos a liberdade ainda que temporariamente porque a vida é dinâmica. Trata-se de um processo. Neste sentido, o conhecimento, no sentido de leitura da realidade, possibilita esta transformação.

Já para Vigotski, as funções psicológicas superiores (memória e atenção mediadas pelo signo, fala, pensamento, entre outras) surgem na relação social, num processo dinâmico e dialético de transformação. Ser livre, para Vigotski, é dominar sua conduta e fala, como função superior, exerce um papel fundamental nesse processo que possibilita o desenvolvemos do autocontrole. Trata-se de uma psicologia do desenvolvimento da personalidade que almeja a liberdade. Tanto para Vigotski como para Spinoza, as condições precisam ser favoráveis para possibilitar a transformação do homem e do meio social.

A estrutura da sociedade brasileira possui em sua gênese a desigualdade. Esta característica possibilitou o surgimento de afetos tristes reforçando o ódio, o rancor, a raiva, o ressentimento aos diferentes. Assim, a relação do indivíduo com as instituições sociais, em especial, a escola reproduz a relação que o indivíduo estabelece com a sociedade. São conflitos que parecem não oferecer uma solução de reconciliação consigo e com o outro, porque produzem uma condição dialética que fomenta a dor, o ódio entre as pessoas.

Uma escola que tem como foco a formação de uma personalidade autônoma e livre precisa pensar numa organização do ambiente social que vise às possibilidades de desenvolvimento humano e não apenas de transmissão de conteúdo previamente determinado. Sem condições favoráveis, sem estímulos e motivações, sem o acesso ao patrimônio histórico-cultural de uma sociedade o que resta é a reprodução de um discurso da classe dominante. Por isso, indagamos: será que a escola poderá um dia ser um lugar de afetos e paixões alegres, criando possibilidades de formação de pessoas críticas e livres? Com certeza, neste sentido, Spinoza e Vigotski têm muito a nos ensinar.

4. Referências bibliográficas:

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- _____. *Educação como Prática da Liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1980.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere I*. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2004.
- MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da Filosofia – Dos Pré-Socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 15ª.
- _____. e JAPIASSÚ, Hilton. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, 4ª ed.
- NEGRI, Antonio. *Espinosa Subversivo e outros escritos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- ORLOVSKY, Daniel S. *A Rússia na guerra e na revolução*. In.: FREEZE, Gregory L. História da Rússia. Lisboa: Edições 70, 2017, p. 321.
- OZ, Amós e OZ-SALZBERGER, Fania. *Os Judeus e as Palavras*. São Paulo: Cia das Letras, 2015
- PIAGET, Jean. *A Psicologia da Inteligência*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PRESTES, Zoia Ribeiro. *Quando não é quase a mesma coisa – traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2021.
- _____. e TUNES, Elizabeth (org.). *07 aulas de L. S. Vigotski – sobre os fundamentos da pedologia*. Rio de Janeiro: e-papers, 2018
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica: 2009
- _____. *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- TEIXEIRA, Edival Sebastião. *A Censura Imposta a Vigotski e seus Colegas na União Soviética entre 1936 e 1956: o decreto da pedologia*
- TUNES, Elizabeth e PRESTES, Zoia. *Lev Vigotski, a Revolução de Outubro e a Questão Judaica: o nascimento da teoria histórico-cultural no contexto revolucionário*. In: Fractal: Revista de Psicologia, v. 29, n. 3, pag. 288-290. Niterói: UFF, 2017
- VIGOTSKI, Lev Semionovitch. *Imaginação e Criação na Infância*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- _____. *Problemas da Defectologia*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.
- _____. *Psicologia, Educação e Desenvolvimento – escritos de L. S. Vigotski*. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

_____. Sete *aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

_____. A crise dos sete anos. In: Vigotski, L. S. La crisis de los siete años. Obras escogidas. Tomo IV. (pp. 377-386). Madrid: Visor y A. Machado Libros.

VYGÓTSKI, Liev Semiónivitch. *Os judeus e a questão judaica nas obras de F. M. Dostoiévski*. In: Revista de Literatura e Cultura Russa. Tradução: MARQUES, Patrícia Nascimento Volume 12 no 158, ano 2021.